

A ONTOLOGIA COMO UMA POSSIBILIDADE EM MICHEL FOUCAULT

THE ONTOLOGY AS A POSSIBILITY IN MICHEL FOUCAULT*

CELSO KRAEMER**
UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BRASIL

Resumo: O presente estudo, ainda em caráter exploratório, pretende verificar as possibilidades de uma ontologia no pensamento de Michel Foucault. Parte-se do pressuposto de que, embora Foucault não tenha abordado diretamente o tema da ontologia, encontram-se, em seus escritos, referenciais que permitem colocá-la como questão. Entende-se, também, que o tema da ontologia está relacionado, por um lado, com o tema do homem e do sujeito e, por outro, com a ética. Geralmente a ética em Foucault é discutida a partir dos últimos escritos, conhecidos como *genealogia da ética*. A ontologia é discutida a partir de seus textos da década de 1980, sobre *Aufklärung* de Kant. Ontologia e ética são, portanto, conceitos já explorados em seu pensamento. A ética é conceituada por Foucault como o uso crítico da liberdade, no interior das tramas do saber-poder. A noção de ontologia está referida ao ser histórico do homem e ao tema do sujeito, em sua relação com a verdade. Conforme Foucault, trata-se de uma ontologia de nosso ser histórico. Mas ainda falta aclarar, no pensamento do autor, o que, exatamente, se mostra no ser histórico, ou seja, o que é que se torna história, fazendo-se sujeito, no sentido da ontologia. A resposta se encontra na questão sobre o homem, antes dele ser objetivado enquanto figura da modernidade.

Palavras-chave: ontologia; concepção de homem; ética; Foucault.

Abstract: This study, although exploratory nature, want to check the possibilities of an ontology in the thought of Michel Foucault. This is on the assumption that, although Foucault has not directly addressed the issue of ontology, are, in his writings, which allow references put it as a question. It is understood, als , that the subject of ontology is related, on the one hand, with the theme of man and of the subject and, second, to ethics. Generally ethics in Foucault is discussed from the last writings, known as genealogy of ethics. The ontology is discussed from his writings of the 1980s, on Kant's *Aufklärung*. Ontology and ethics are thus concepts already explored in his thinking. Ethics is conceptualized by Foucault as the critical use of freedom, within the frames of knowledge -

* Artigo recebido em 14/11/2013 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 12/04/2014.

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor de Filosofia no ensino superior e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2624881705300958>. E-mail: celso@furb.br.

power. The notion of ontology is said to be man's history and the issue of the subject in its relation to the truth. As Foucault, it is an ontology of our historical being. But there is still clarify, in the author's thought, what, exactly, to be shown in history, what becomes history by becoming the subject, in the sense of ontology. The answer lies in the question of the man, before it is objectified as a figure of modernity.

Keywords: ontology; conception of man; ethics; Foucault.

1. Introdução

A ideia para este trabalho advém de um debate iniciado no livro *Ética e Liberdade em Michel Foucault – uma leitura de Kant*. Neste trabalho foram analisadas as implicações que a obra crítica de Kant teve no pensamento de Foucault. Inicialmente se explicitaram as implicações de Kant nos três principais períodos da obra foucaultiana, a saber, período arqueológico, período genealógico e a fase final, conhecida como genealogia da ética. A partir dessa explicitação, analisaram-se livros e outros ditos ou escritos de Foucault de cada um dos períodos, mostrando o modo crítico de Foucault pensar o tema da liberdade e da ética. Ambos, ética e liberdade, tem caráter eminentemente histórico para o autor. Mas o modo como são pensados pelo autor, tanto na arqueologia quanto na genealogia e na genealogia da ética, tem um viés fundamentalmente crítico, quer dizer, Foucault os pensa não como substâncias ou materialidades em si mesmas. Ao contrário, ele as pensa a partir de suas condições de possibilidade. Tais condições são, obviamente, históricas. Mas elas se reduzem a seu ser histórico? Poder-se-ia dizer que a história, como tal, é suficiente para explicitá-las? Qual seria a condição ontológica da própria história? Caso Foucault se contentasse com a história para responder à pergunta *o que é o homem?*, ele se tornaria vítima da analítica da finitude, por ele criticada em *As Palavras e as coisas* como sendo algo próprio das ciências humanas, que tomam o homem empírico como se fosse transcendental.

Esses questionamentos surgem depois de finalizado o livro. São eles que motivam a continuação da pesquisa. Dirigir-se à questão ontológica em Foucault passa por dois outros conceitos. Um deles é justamente a questão sobre o que é o homem, para Foucault. O outro conceito é a questão do sujeito, para o autor. No presente trabalho faremos um percurso por estes dois conceitos, buscando preparar a discussão para o tema da ontologia, embora não daremos, neste texto, uma resposta conclusiva. Apenas esboçaremos as linhas gerais da problemática da ontologia em Foucault.

As palavras da ontologia radical de um dos eminentes filósofos do século XX, também lido por Foucault, são ilustrativas “[...] o que é digno de ser questionado nos proporciona, por si mesmo, a oportunidade clara e o apoio livre para podermos vir ao encontro e evocar o apelo de [...] um retorno ao lar” (HEIDEGGER, 2001, p. 58).

Em termos foucaultianos, o que é digno de ser questionado, a questão que realmente importa, é a de reconduzirmos nossa preocupação para a questão antropológica da modernidade e ver que nela o jogo de forças entre disciplina, biopolítica e resistência alimenta uma estratégia que nos prende à própria modernidade. Colocar em questão essa imbricação nos deve abrir para a ontologia e deve nos propiciar uma oportunidade de ir além do puro embate de forças, abrindo possibilidade de pensar formas diversas para constituir a si no presente. Significa perguntar não só o que tornou possível o homem da modernidade, objetivado pela epistemologia, pela disciplina e pela biopolítica e colocado à disposição para um saber científico, mas perguntar o que essa objetivação obscureceu, sonou ou excluiu para constituir-nos como objetos de ciência.

A questão da ética em Michel Foucault já tem sido estudada por vários pesquisadores¹ há algum tempo. A ontologia de Foucault² também já é objeto de alguns estudos. Este texto é um primeiro esboço de um estudo que se pretende aprofundar nos próximos anos. Mais do que buscar definições, busca-se levantar possibilidades de análise para a questão da ontologia em Foucault.

Um estudo dessa magnitude precisa percorrer a totalidade de seus escritos e estudos. A *Tese complementar* (FOUCAULT, 2011), sobre a antropologia em Kant, é texto relevante nesse sentido, pois assinala um caminho para se pensar o tema da ontologia. Todo período arqueológico e genealógico necessita ser analisado com cuidado nessa discussão. Os últimos livros (*O Uso dos Prazeres* e *O Cuidado de Si*), junto com os cursos da década de 1980, são igualmente fundamentais. Assim, um exame completo do tema da ontologia é um trabalho de fôlego maior do que esse (pequeno) início.

2. O Sujeito em Foucault

¹ Veja-se o livro de Sandra Coelho de Souza, *A Ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência* (Belém: Cejup, 2000), livro que publica sua tese de doutoramento, defendida em 1995. Igualmente, nossa tese de doutorado, defendida em 2008 e publicada como livro: *Ética e Liberdade em Michel Foucault: uma leitura de Kant* (São Paulo: EDUC; FAPESP, 2011), além de diversos trabalhos em congressos e artigos publicados nos últimos tempos.

² Veja-se, por exemplo, HAN, Béatrice. *L'ontologie manquée de Michel Foucault – Entre l'historique et le transcendental*. Collection Krisis. Grenoble, França: Editions Jérôme Millon, 1998. Igualmente, CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 312-313.

É sabido que o sujeito de que fala Foucault não se confunde com o indivíduo. O sujeito é antes uma figura histórica, podendo constituir-se por múltiplos indivíduos. O próprio sujeito Foucault, do qual resultou a obra Foucault, não se reduz ao indivíduo, com o nome próprio Paul-Michel Foucault, nascido em 15 de outubro de 1926 e falecido em 25 de junho de 1984. Esse é só um indivíduo, mais um, entre tantos nascidos naquele ano na França e entre tantos outros que também morreram em 1984. O sujeito Foucault é uma complexidade maior, que não começa no nascimento de Paul-Michel e não acaba no dia de sua morte. O sujeito Foucault inscreve-se em uma longa tradição, à qual é impossível fixar uma data exata, embora Paul-Michel tenha indicado um momento histórico: a obra *Crítica de Immanuel Kant* (FOUCAULT, 2004). O sujeito Foucault também não acabou com a morte de Paul-Michel. Estende-se nos múltiplos trabalhos que resgatam faces da arqueologia da obra Foucault, entre os quais se inclui mais este, mas também nas múltiplas pesquisas sobre empiricidades históricas específicas e nos diversos movimentos de pensamento ou de “intervenção” que inspirou. O sujeito é expressão de um tempo, é *uma possibilidade* efetivada, entre múltiplas, na historicidade e coletividade do homem. A “estética da existência” não é uma receita de auto-ajuda, recomendada para indivíduos. Ela é a retomada de *uma possibilidade* para o sujeito histórico, em nosso tempo, ou seja, na categoria que Foucault, no texto “*What Is Enlightenment?*”, tanto valorizou em Kant: a ocupação com o presente, com o que se é *agora*, com “o que estamos fazendo de nós mesmos [...] para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos” (FOUCAULT, 1988, p. 345).

A liberdade, fundamento da ética, também está referida ao sujeito, não ao indivíduo. É angustiante pensar essa dificuldade de como situar o indivíduo, não só na ética, mas na própria ontologia de Foucault. Que relações se pode estabelecer entre o sujeito histórico e o indivíduo? Como se poderia abordar o tema da liberdade dos indivíduos? Como articular o “conhece-te a ti mesmo”, que o sujeito Foucault praticou em toda a arqueologia e a genealogia de sua obra, num trabalho que ele próprio chamou de “ontologia histórica de nós mesmos” (FOUCAULT, 1988, p. 347), com a possibilidade de o indivíduo conhecer-se? Ou será que o indivíduo deve contentar-se em re-conhecer a si no sujeito que a ontologia histórica do nós faz aparecer? Talvez a “estética da existência”, muito diferente de um capricho individual, seja uma empreitada coletiva e histórica de criar novas possibilidades ao sujeito histórico. Em tal empreitada, o lugar do indivíduo poderia estar resguardado na coletividade, analogamente ao que ocorre nas *Tischgesellschaft*, o

“*Banquet kantien*” (FOUCAULT, 2011). É sabido que Foucault não sustenta um discurso de que o indivíduo é livre ou que *deve* ser livre. O discurso de Foucault sustenta o princípio de que o sujeito tem o direito de exercer liberdades, seja na forma de resistência, de contra-conduta ou de um agir sobre si. É neste universo de relações que o tema do indivíduo aparece frente ao sujeito. São questões que, obrigatoriamente, se abrem e convocam o pensamento a aprofundar a interrogação e a buscar respostas numa possível ontologia em Foucault.

3. Ética e Ontologia

A leitura inicial de textos de Foucault, nos domínios arqueológicos e genealógicos, já revela seu caráter de crítica e de denúncia³. Mas eles, facilmente, também, deixam a impressão de que o indivíduo é simplesmente um efeito da *épistémê* e dos dispositivos, uma subjetividade passiva frente às práticas de saber-poder, uma pura determinação provinda do exterior. Neste caso, o sujeito não teria qualquer abertura ao ainda não presente, não estaria disposto no horizonte da possibilidade. Pensando o sujeito apenas como passividade, constituído pelas formas de saber e de poder atuantes no meio, não faz o menor sentido discutir-se o tema da liberdade, da autonomia ou da ética na ontologia. A ontologia, nesse caso, se reduz à mera determinação histórica, uma espécie de absoluto produzindo indivíduos autômatos.

Deste ponto de vista, a arqueologia e genealogia de Foucault deixam a impressão de não haver teoria ou ideologia política capaz de contornar os efeitos da *épistémê* e do dispositivo. Nada pode nos salvar de nós mesmos, da repetição das verdades que nos constituem, nos submetem, nos governam. Não há Razão, não há Eu, não há Sujeito que supere o eterno Retorno das Mesmas Verdades, dos mesmos enganos, das mesmas ilusões, das mesmas submissões, das formas cada vez mais refinadas de sermos “conduzidos” pelas verdades.

Mas é fundamental ter-se em conta que, para Foucault, a arqueologia e a genealogia não se limitam ao estudo das formas históricas de submissão à verdade ou ao governo. Elas, obviamente, realizam com profundidade tais estudos. Por outro lado, elas

³ Parte das críticas sobre as noções de *épistémê* e de dispositivo são motivadas por uma forma equivocada de ler Foucault. Enquanto ele apenas descreve mecanismos de saber-poder, ressaltando sua não-universalidade e não-neutralidade, muitos o lêem como um trabalho prescritivo, uma opção teórica e ética, na qual o sujeito desapareceria. Deve-se ter em conta, entretanto, o caráter de *jogo* que há, para Foucault, entre os mecanismos de sujeição e as formas de enfrentamento.

não limitam o universo do *possível* às formas historicamente determinadas, como se tais formas significassem o ponto de chegada de um percurso histórico no qual o homem teria atingido sua forma plena e acabada.

A estrutura da obra de Foucault se desenvolve em três domínios de abordagem, diferentes e interligados: o domínio da crítica, o domínio das empiricidades históricas e o domínio da abertura. A crítica, conforme demonstramos em *Ética e Liberdade em Michel Foucault: uma leitura de Kant* (KRAEMER, 2011), é utilizada por Foucault em sentido kantiano, ou seja, ela é uma propedêutica à pesquisa e uma atitude metodológica na pesquisa, quer dizer, ao invés de buscar a objetividade e neutralidade de seus objetos, busca entender as condições de possibilidade em que os objetos e os conhecimentos sobre tais objetos são produzidos na história.

Neste sentido, pode-se compreender que arqueologia e genealogia são formas críticas de pesquisa, na medida em que elas constituem estudos sobre as condições de possibilidade histórica de constituição das empiricidades relativas ao homem da modernidade. Suas pesquisas buscam as condições de possibilidade das formas historicamente determinadas de conhecimento. Seus estudos explicitam os dispositivos que atuaram em cada período histórico e os modos de sujeição daí resultantes.

A abertura é um conceito que Foucault utilizou pela primeira vez na *Tese Complementar* (FOUCAULT, 2011), e em outros textos, como *Prefácio à Transgressão* (FOUCAULT, 2001b), sinalizando que para ele os limites do atualmente dado na história não significa um término intransponível, mas uma fronteira que se divisa com novas formas de ser e de saber. Este sentido de pensar o presente, não como determinado, mas como possibilidade de abertura para o ainda não presente, é nitidamente retomado em seus últimos trabalhos, da década de 1980, marcadamente em conceitos como estética da existência, cuidado de si, etc., o que pode ser considerado um contraponto, no domínio da ontologia, às formas de sujeição estudadas na arqueologia e na genealogia. A abertura parece constituir uma espécie de meta, já anunciada desde fins dos anos de 1950, mas não claramente tematizada nas abordagens arqueológicas e genealógicas. Por isso sua ocupação com as questões da ética e da ontologia, em geral, passam despercebida quando se estudam textos como *Vigiar e Punir*, por exemplo.

As discussões que ele faz na *Tese Complementar* se aproximam bastante das discussões que faz em seus dois últimos livros (*O Uso dos prazeres* e *O Cuidado de si*), percebe-se a presença do tema da ética e da ontologia. Seus últimos cursos no *Collège de France*,

marcadamente *A Hermenêutica do sujeito* e *O Governo de Si e dos Outros* também sinalizam a importância que o autor concede para temas como liberdade, ética, ontologia. Nos trabalhos finais, ao abordar os domínios do saber e do poder, Foucault prioriza o estudo do modo de inserção do sujeito nas práticas do saber-poder. Ele se ocupa, prioritariamente, da atuação do sujeito, ou seja, do modo como cada um pode agir sobre si, sobre as verdades e as formas de poder que o atravessam.

Saliente-se, entretanto que, ao trazer as questões da ética e da ontologia para o debate, Foucault não superou ou abandonou a arqueologia e a genealogia.⁴ Ao contrário, é a partir do que foi trazido à luz sobre as práticas do saber-poder que pôde aprofundar-se o estudo e o debate sobre a constituição de si. A dimensão crítica da arqueologia e da genealogia assegura que a discussão sobre a constituição de si nada tem de ingênuo, utópico, idealista ou teleológico. Não promete um mundo futuro, livre e feliz. Nem idealiza um mundo no qual, atingidas determinadas condições (econômicas, políticas, ou de consciência), reinará o verdadeiro homem. Ao contrário, é na imanência histórica, no universo das relações efetivas, das práticas historicamente constituídas, que a ética e a ontologia são pensados e estudados.

Suas pesquisas da Antiguidade, grega e romana, desenvolvem-se com as *ferramentas* da arqueologia e da genealogia. Foucault analisa, na “empreitada de uma história da verdade, (...) as *problematizações* através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as *práticas* a partir das quais essas problematizações se formam”.⁵ Analisa o modo como se dá a “*determinação da substância ética*, isto é, a maneira pela qual o indivíduo deve constituir tal parte dele mesmo como matéria principal de sua conduta moral,”⁶ o modo de sujeição⁷ e as formas de subjetivação⁸. Mas investigam também o

desenvolvimento de uma arte da existência dominada pelo cuidado de si, que gravita em torno da questão do si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal (...), dos

⁴ Em 1984, no final de sua vida, ele salienta três deslocamentos teóricos de seu trabalho: 1º. “interrogar-me sobre as formas de práticas discursivas que articulavam o saber (...) os jogos de verdade considerados entre si”; 2º. “interrogar-me, sobretudo sobre as relações múltiplas, as estratégias abertas e as técnicas racionais que articulam o exercício dos poderes (...) os jogos de verdade em referência às relações de poder”; 3º. “pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo, através das quais o indivíduo se constitui como ‘sujeito’; (...) estudar os jogos de verdade na relação de si para si e a constituição de si mesmo como sujeito” (*HS vol. 2 - L’Usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 1984, p.12 ; *História da Sexualidade 2 – O Uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 11).

⁵ *L’Usage des plaisirs*., p.17 ; *O Uso dos prazeres*., p. 15.

⁶ *L’Usage des plaisirs*., p.33 ; *O Uso dos prazeres*., p. 27.

⁷ *L’Usage des plaisirs*., p.34 ; *O Uso dos prazeres*., p. 27.

⁸ *L’Usage des plaisirs*., p.36 ; *O Uso dos prazeres*., p. 29.

procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si.⁹

Isso tudo explicita que a a ontologia está em foco. Porém, parte dos elementos que auxiliam na compreensão do modo específico de Foucault entender a ontologia, postos em evidência nesse *terceiro deslocamento*, não estão explicitados nos próprios livros, sendo importante recorrer a alguns “textos menores” do período entre 1978 e 1984.

Por longo tempo, mesmo depois de sua morte, os estudos não indicavam maiores relações entre ele e Kant. A partir do momento em que se conheceram seus textos sobre a *Aufklärung* (KANT, 2008), acreditou-se que Foucault, no final de sua vida teria feito uma *virada* em direção a Kant. Isso estaria motivado por questões internas a sua obra, como as que implicam a noção de liberdade e autonomia do sujeito frente às noções de *épistémê* e de *dispositivo*, e questões que dizem respeito à relação com o presente¹⁰, modo de se atuar sobre as questões do presente.¹¹ Mas a leitura da *Tese Complementar* e um olhar mais atento a *As Palavras e as coisas* faz ver que Kant já é presença desde o início de sua obra. A partir de 1978, a presença da *Aufklärung* e as referências a Kant nos “textos menores” de Foucault se intensifica¹².

A questão do presente é relevante para pensar o tema da ontologia em Foucault. Ao discutir o texto de Kant, “Resposta à questão: o que é o esclarecimento?” ele fala de uma “ontologia histórica de nós mesmos” e de uma “ontologia crítica de nós mesmos, como uma prova histórico-prática dos limites que podemos transpor, portanto, como o nosso trabalho sobre nós mesmos como seres livres” (FOUCAULT: 2000, p. 348). Tal trabalho sobre si implica, obviamente, um conhecimento crítico sobre as formas históricas

⁹ *Le Souci de soi.*, p. 272-273 ; *O Cuidado de si.*, p. 234.

¹⁰ “Parto de um problema nos termos em que ele se coloca atualmente e tento fazer disso a genealogia. Genealogia quer dizer que levo a análise a partir de uma questão presente” (“O Cuidado com a Verdade”. In. *O Dossier – Últimas entrevistas*. Tradução: Maria de A. Lima e Maria da Glória R. da Silva. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1984, p. 81 ; “Le souci de la vérité”. *De II.*, p. 1493).

¹¹ “Se me dizem: ‘a filosofia fala em geral’, respondo que quando um filósofo afirma que ele não fala de nada em particular, mas da experiência em geral, ele fala em realidade de algo muito particular, quer dizer da experiência historicamente definida que é a sua, mas que ele transformou e que ele fez valer como uma experiência geral” (“Prisons et asiles dans le mécanisme du pouvoir”. 1974. *DE I.*, p.1390. Texto n.º.136).

¹² A *Aufklärung* é citada na “Introdução” a *O Normal e o Patológico*, em 1978 (Op. Cit.); na longa entrevista, em 1978, com D. Trnbadori (*DE II.*, texto n.º. 281, passagem em que se interroga sobre a promessa de liberdade da *Aufklärung*, que, através do exercício da razão, não se poderia tornar uma forma de dominação - p. 892); em 1979: « Pour une morale de l'inconfort »; (*DE II.*, p. 783. Texto n.º. 266); em 1979 no “*Qu'est-ce que la Critique*” (Op. Cit.); em 1980 no “Postface” a *L'Impossible Prison*, de M. Perrot (*DE II.*, p. 855-856. Texto n.º. 279); em 1983, na entrevista com G. Rauler, *Structuralisme et poststructuralisme*, relaciona o texto de Kant *Was ist Aufklärung* com a questão do presente (*DE II.*, p. 1267. Texto n.º. 330); no Curso no Collège de France, em janeiro de 1983, *Qu'est-ce que les Lumières?*, que tem na *Aufklärung* seu eixo principal (*DE II.*, p. 1498-1507, texto n.º. 351); também em 1983, na conferência em Berkeley, *What is Enlightenment?*, a *Aufklärung* é o ponto central do estudo (*DE II.*, p. 1381-1397, texto n.º. 339). As referências a Kant são bastante frequentes, aparecem em 20 “textos menores” desse período.

que configuram o presente, além de estratégias específicas para enfrentá-lo nos domínios do saber-poder.

Por esta via, entende-se por que o domínio de ética e da ontologia só foi evidenciado *após* os trabalhos arqueológicos e genealógicos. As pesquisas realizadas nas décadas de 1960 e 1970 correspondem ao trabalho da crítica, no qual Foucault buscou as condições em que o sujeito é constituído, os mecanismos de sujeição de que nunca se está livre - *épistémê*, dispositivo, disciplina, objetivação-subjetivação, produção e efeitos-poder da verdade. Abordar primeiro o domínio da ética e da ontologia significaria discuti-las ingenuamente, sem perceber as relações que determinam, ao longo da história, conceitos, valores, comportamentos, hierarquias, não evitando a repetição do Mesmo¹³, sem prescrever nenhum comportamento, valor ou Verdade aos outros, por perceber, na esteira da *Crítica* kantiana, a impossibilidade de fundamentar qualquer conteúdo objetivo à razão, sem cair no dogmatismo.¹⁴

Para pensar a ontologia, tendo-se em conta as noções de *épistémê* e dispositivo, a constituição do sujeito se dá, num primeiro momento, de modo independente da vontade ou escolha. O sujeito, muito antes de ser fonte originária ou suporte sobre o qual fundar a verdade, é efeito de complexas relações de saber-poder-verdade. Para uma considerável parte dos discursos das ciências humanas, vale o que Foucault, em *As Palavras e as coisas* chamou de *ilusão antropológica* da modernidade. Ela consiste em fundar, a partir do homem empírico, um conhecimento universal sobre o homem. Para tal, é obrigada a fazer valer como sujeito transcendental aquilo que é apenas sujeito empírico. Uma vez denunciada a *ilusão antropológica*, Foucault não se dirige ao que seria o verdadeiro sujeito transcendental. Ele faz, muito antes, um desmonte dos discursos sobre o sujeito, explicitando os mecanismos de saber-poder que, historicamente, o constituem, mostrando como tais discursos tentam amarrar o indivíduo a essas verdades.

Contra-pondo-se a uma dogmatização do presente, a ontologia em Foucault guarda um caráter de liberdade, o que mantém o homem numa essencial abertura. Isso é de

¹³ “O que me preocupa (*frappe*) em vosso raciocínio é que ele se mantém na forma do até então presente. Ora, um empreendimento revolucionário é precisamente dirigido não somente contra o presente, mas contra a lei do até então presente” (“Par-delà le bien et le mal”. Entrevista com licenciados, em 1971. *DE I*, p. 1104. Texto n.º. 98).

¹⁴ “Minha posição, diz Foucault em 1977, é que não temos que propor. Desde o momento em que se ‘propõe’, se propõe um vocabulário, uma ideologia, que não pode ter senão efeitos de dominação. O que há a apresentar são os instrumentos e as ferramentas que se julga poderem ser úteis. Constituindo grupos para tentar precisamente fazer essas análises, conduzir essas lutas, utilizando esses instrumentos ou outros, é assim, finalmente, que as possibilidades se abrem” (“Enfermement, psychiatrie, prison”. Entrevista com D. Cooper, J. P. Faye, M-O. Faye, M. Zecca, 1977. *DE II*, p.348. Texto n.º. 209).

vital importância para que o *pensar* do homem, no domínio da ontologia e da ética, não tome os fenômenos do presente como se fossem coisas *em-si*, fundando o presente metafisicamente. Também é importante para que não tome ideias atuais das ciências sobre o homem como se fossem conteúdos objetivamente fundados (dogmatismo) numa verdade inquestionável. O caráter de liberdade da ontologia de Foucault também é relevante para que não se tome o homem atual, empírico, historicamente constituído, como se fosse a verdadeira natureza humana (redução do possível ao atual).

A manutenção do possível por sobre o atual, em Foucault, tem por consequência necessária o pertencimento recíproco entre a verdade e a liberdade, no tocante à ética e à ontologia. Para pensar essa temática, a verdade deve manter-se vinculada e subordinada à liberdade. Do contrário, o homem perde a condição fundamental de sua moralidade e acaba sendo vítima ou refém de suas próprias “ilusões ou fantasias”. Despertar do *sono antropológico* pela destruição do *quadrilátero antropológico* tem caráter de “denúncia”, em *As Palavras e as coisas*. A partir de tal denúncia, Foucault mostra a necessária superação da antropologia de nossa modernidade. O cuidado de si e a estética da existência são formas de o filósofo responder para superar a ontologia e a ética de nossa modernidade.

O enfrentamento da modernidade se dá por uma atitude crítica, que aponta para um desnível entre o que seria o homem por natureza (ou um discurso sobre a natureza do homem) e o modo como ele se constitui enquanto ser da cultura. Com isso Foucault insere a ontologia na temporalidade, na experiência histórica do homem. Isso põe a ontologia na dinâmica da indeterminação e da possibilidade humanas, enfim, na dinâmica de *sua* liberdade, universal como princípio e imanente como exercício.

4. Considerações

Há uma originalidade de Foucault, sobretudo no conceito que utiliza para a questão ontológica, apresentado em Berkeley em 1983:

Eu gostaria de enfatizar que o fio que pode nos ligar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, de preferência a reativação permanente de uma atitude; quer dizer, de um *êthos* filosófico que se pode caracterizar como Crítica permanente de nosso ser histórico¹⁵.

¹⁵ “What Is Enlightenment? [Qu'est-ce que les Lumières?] », DE II., p. 1390.

Com o conceito de crítica de nosso ser histórico pode-se entender que os trabalhos arqueológicos e genealógicos efetivam, sob a égide da própria crítica, uma ontologia histórica de nós mesmos, mesmo que em sentido negativo, ou seja, desmantelando a *epistémè* e os dispositivos que nos amarram às verdades modernas sobre o homem. O conceito de ontologia histórica, embora seja um avanço significativo no entendimento de sua obra, somente foi cunhado em 1982¹⁶ e 1983,¹⁷ mas com valor retrospectivo sobre toda sua obra. Isso é assinalada pelo próprio Foucault:

Há três domínios possíveis na genealogia. Primeiro uma ontologia histórica de nós mesmos com relação à verdade através da qual nós nos constituímos como sujeitos de conhecimento; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos relacionada a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos agindo sobre outros; terceiro, uma ontologia histórica de nossas relações à moral, que nos permite constituir-nos em agentes éticos¹⁸.

Caracterizar seu próprio trabalho como ontologia histórica é uma resposta positiva de Foucault ao tema ontológico e ético de sua obra. O conceito admite, simultaneamente, uma negação e uma afirmação. Enquanto negação, ela permite “fugir” dos modelos essencialistas de pensamento; não requer um fundamento positivo, universalmente válido, do qual se poderiam derivar as demais verdades sobre o homem e sobre a história; permite “fugir” igualmente dos humanismos, com seus prognósticos sobre modelos de homem e de mundo. Nisto, a ontologia histórica se mantém estritamente na esteira da *Crítica*. Enquanto afirmação, permite “fazer análises de nós mesmos como seres historicamente situados (...) orientadas para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos”.¹⁹

Compreende-se, mesmo com esse rápido recorte, que o tema da ontologia, em Foucault, por um lado, é uma possibilidade que merece ser aprofundado e explorado. Por outro lado, percebe-se que ele está intimamente relacionado ao tema do homem, do sujeito e da ética. Neste primeiro esboço assinalamos apenas relações da ontologia em Foucault com a filosofia de Kant. Mas, sabidamente, é necessário buscar as relações com Nietzsche,

¹⁶ Em 1982, “Kant, porém, pergunta [...]: o que somos nós, nesse momento preciso da história? A questão de Kant aparece como uma análise de quem somos nós e do nosso presente” (“*Le sujet et le pouvoir*”. In.: *DE II*, p. 1050-1051. texto n.º. 306; “O Sujeito e o Poder”. In.: DREYFUS, H., RABINOW, P. Op. cit., p. 239).

¹⁷ Aula do dia 3 de Janeiro de 1983. In.: *DE II*, p. 1506. Texto n.º 351). “O Que é o Iluminismo?”. In.: *O Dossier*. p. 112.

¹⁸ FOUCAULT, M. « À propos de la généalogie de l'éthique : un aperçu du travail en cours ». In.: *DE II*, p. 1437, texto n.º. 344. “Sobre a Genealogia da Ética: Uma visão do trabalho em andamento”. In.: *O Dossier*. p. 51. “[...] uma ontologia histórica relacionada à ética”.

¹⁹ “*What Is Enlightenment? [Qu'est-ce que les Lumières?]* ». *DE II*, p. 1391; tradução, *DE II*, p. 345.

Heidegger, Deleuze, os estóicos, entre outros. Mas, como assinalado no início, é tarefa para próximos estudos, ao longo dos próximos anos, contando com a ajuda de outros pesquisadores. De momento, atingimos nossa meta: buscar indicativos para se discutir o tema da ontologia em Michel Foucault.

Referências Bibliográficas

- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- FOUCAULT. **As Palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª. ed.. São Paulo : Martins Fontes, 1999.
- _____. **A Hermenêutica do sujeito**. Curso no *Collège de France* (1981 - 1982). Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **Arqueologia das Ciências e História dos sistemas de pensamento**. Col. Ditos e Escritos, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **Dits et écrits I (DE I)**, 1954 – 1975. Paris: quarto Gallimard, 2001.
- _____. **Dits et écrits II (DE II)**, 1976 – 1988. Paris: quarto Gallimard, 2001a.
- _____. **Ética, Sexualidade, Política**. Col. Ditos e Escritos Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. **Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Col. Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.
- _____. **História da sexualidade**. Vol. 2 - *O Uso dos prazeres*. Tradução: Maria Thereza da C. Albuquerque. Revisão: J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 8ª ed., 1998; 1ª ed.: 1984.
- _____. **História da sexualidade**. Vol. 3 - *O Cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da C. Albuquerque. Revisão: J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 6ª ed., 1999.
- _____. **Gênese e estrutura da antropologia de Kant**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Loyola, 2011.
- _____. **Introduction à l'Antropologia de Kant**; thèse complémentaire pour le doctorat. Diretor de estudos: M. J. Hyppolite. Documento disponível em texto datilografado. Inédito. 1961. Arquivos IMEC. Paris. Notação: D 60 (1). 128p.
- _____. **O Dossier - últimas entrevistas**. Introdução e organização: Carlos Henrique Escobar. Tradução: Ana Maria A. Lima. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1984.
- _____. « **Qu'est Que La Critique? [Critique et Aufklärung]** ». Bulletin de la Société française de Philosophie, t. LXXXIV, année 84, n° 2, p. 35 a 63, 1990. Palestra de Foucault em maio de 1978 à Sociedade Francesa de Filosofia, no Anfiteatro Michelet, na Sorbonne.

_____. « **Qu'est-ce que les Lumières?** ». In.: *DE II.*, p. 1498 a 1507. Texto nº 351.

_____. **Vigiar e punir – história da violência nas prisões.** Tradução: Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **“What Is Enlightenment? [Qu'est-ce que lês Lumières?]»**. In.: *DE II.*, p.1381 a 1397. Texto nº 339.

KANT, Immanuel. **“Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?”**. 1784. In.: *Textos Seletos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KRAEMER, Celso. **Ética e Liberdade em Michel Foucault: uma leitura de Kant.** São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



KRAEMER, Celso. A ONTOLOGIA COMO UMA POSSIBILIDADE EM MICHEL FOUCAULT. *Synesis*, <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis>, v. 5, n. 2, p.12-25, jan/jun. 2014. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=411>. Acesso em: 15 Junho 2014.
